

# ARCHAEOLOGY AND THE RELIGIONS OF CANAAN AND ISRAEL

## Arqueologia e as religiões de Canaã e Israel

*Guilherme Brasil<sup>1</sup>*

NAKHAI, Beth Alpert. **Archaeology and the religions of Canaan and Israel**. Boston, MA: American School of Oriental Research 2001. Vol. 7.

Desde o surgimento do racionalismo e empirismo, a ciência tem tentado encontrar respostas para as maiores perguntas da humanidade através das ciências naturais, e das ciências sociais. Beth Alpert Nakhai, diretora associada do Centro de Estudos Judaicos do Arizona na universidade do Arizona, tenta responder uma das perguntas em erudição bíblica que tem intrigado muitos arqueólogos. Seu livro, *Archaeology and the religions of Ancient Canaan and Israel*, tenta responder à questão de como a evidência artefactual lançou luz sobre a maneira pela qual os antigos israelitas e cananeus praticavam sua religião. O livro procura também, através de um estudo das ciências sociais, desvendar as implicações políticas, sociológicas e culturais do ritual para a vida cananeia e israelita. Além disso, a autora analisa os principais locais na Palestina durante a Idade Média do Bronze até o III período do Ferro, a fim de desembrilhar o meio cultural do antigo Israel. Assim, este é o primeiro estudo que traça cronologicamente o desenvolvimento da religião israelita e cananeia à luz da pesquisa arqueológica recente.

Além da apresentação sistemática de locais religiosos antigos em Canaã, a autora propõe um novo programa para interpretar as práticas de culto no antigo Israel. Em vez de depender tradicionalmente no texto bíblico e em textos ugaríticos, a tese básica da autora é que os dados históricos devem ser interpretados à luz de achados arqueológicos e à luz de uma abordagem das ciências sociais. Utilizando métodos convencionais de crítica das fontes, a autora tenta desembrilhar os textos bíblicos que ela considera valiosos para os estudos da religião israelita e cananeia. A autora usa uma variedade de métodos antropológicos e sociológicos para interpretar os dados arqueológicos onde pinta sua imagem do culto cananeu. Entre esses métodos sociológicos, ela aplica métodos pós-processuais à arqueologia, bem como outras tendências marxistas para fazer sua análise sociológica de locais religiosos. Além disso, ela faz amplo uso de métodos funcionais ao interpretar as conexões sociológicas entre o culto e a comunidade de adoradores. A autora tem uma desconfiança geral pelo texto bíblico, bem como pelo material Ugarítico à luz da sua confiança no método histórico crítico para a interpretação de textos.

<sup>1</sup>Graduando em Teologia pela Southern Adventist University/USA.

Tendo estabelecido uma base metodológica sólida para estabelecer sua tese, a autora prossegue para argumentar que uma compreensão das religiões antigas de Canaã deve ser feita sob os auspícios de dados empíricos fundamentados nas ciências sociais e antropológicas. Para sustentar seu argumento ela divide seu livro em três seções principais.

A autora começa seu trabalho com um breve levantamento da história da arqueologia. Ela observa as contribuições de arqueólogos notáveis como William Albright, Roland de Vaux, e Yigal Yadin. No entanto, ela analisa criticamente os métodos aplicados por eles, e conclui que tais metodologias devem ser revistas devido à sua forte dependência em evidência textual (Bíblia) e devido aos novos desenvolvimentos nas ciências sociais e antropológicas. Depois de analisar as contribuições históricas e falhas da Arqueologia Bíblica, a autora passa a apontar uma nova abordagem para a arqueologia com base nas ciências sociais. Ela destaca a importância dos estudos de E.B Taylor, e G. Anderson para a compreensão do conceito sociológico de sacrifício.

Uma vez que ela propôs um novo paradigma para interpretar evidências arqueológicas, a autora termina esta seção analisando o material bíblico e ugarítico sobre sacrifício. Ela analisa textos da Bíblia hebraica e do material ugarítico que ela considera mais confiável, utilizando a crítica das fontes a fim de obter uma compreensão das práticas de culto durante a Idade do Bronze e do Ferro.

A segunda seção do livro, que constitui um obstáculo em seu trabalho, lida com uma pesquisa cronológica dos lugares antigos e a interpretação dos dados com base em seus dados como descrito anteriormente. O livro divide esta seção em três períodos cronológicos. O primeiro período é a Idade Média do Bronze. Durante este período a autora analisa lugares como Ebla, Byblos, Alakh e Nahariya. Através de sua interpretação dos dados, ela conclui que durante este período a religião foi orientada por uma sociedade baseada fortemente no clã em que a figura do patriarca foi destaque durante as decisões do grupo bem como durante as cerimônias e práticas cultuais.

Após o levantamento de lugares da Idade Média do Bronze, ela continua com uma análise de lugares da tardia Idade do Bronze, como Hazor, Megiddo, Pella, Shechem, e Shiloh. Ela conclui o estudo postulando que as práticas religiosas mudaram drasticamente durante este período devido ao controle egípcio político e econômico. A influência egípcia na área enfraqueceu os clãs tradicionais e estabeleceu novas elites que eram leais ao Faraó e que mantinham um controle religioso sobre os camponeses locais. Este controle, ela afirma, foi seguido não só pela lealdade religiosa mas também pela desigualdade social devido à exploração egípcia dos recursos econômicos na área.

A parte final desta seção termina com uma análise das estruturas religiosas descobertas durante a Idade do Ferro I e Idade do Ferro II. Durante

a Idade do Ferro I, a autora traça uma história social da Bama (pp. 164) e em seguida começa a analisar as descobertas de locais Bama como Shiloh, Hazor, Ai, Khirbet Raddana, e Shechem. À luz da evidência arqueológica descoberta ela conclui que os principais locais de adoração no período do Ferro I são ecléticos devido à multiplicidade de locais de peregrinação neste período (p. 176). Concluindo esta seção com uma pesquisa de locais do Ferro II tais como Meggido, Lachish, Tel Rehov, e Beth Shean, a autora observa que a religião durante este período é destacada por controle centralizado em Jerusalém em Judá; e em Dan e Bethel em Israel. A autora também aponta para os centros rurais de Bama que ela postula foram estabelecidos pela monarquia judia e israelita para a classe sacerdotal marginalizada e que serviu como mecanismo de controle político para os interesses da monarquia.

Na terceira parte do livro, a autora reafirma sua proposta de renovação na abordagem da arqueologia bíblica, iluminando a importância dos locais bamot para uma compreensão adequada das religiões da antiga Canaã e Israel.

A autora segue uma tendência pós-moderna em sua pesquisa semelhante a Israel Finkelstein e David Usshkin e falha, até certo ponto, em adotar uma abordagem mais centralista como William Dever, especialmente, em sua análise dos locais da Idade Média do Bronze. Ela também ignora o trabalho de estudiosos evangélicos como Alfred Hoerth ou Randall Younker que vão para uma leitura mais literal do texto bíblico.

Embora a autora dê evidência sociológica e arqueológica concisa apoiando sua tese, ela consistentemente negligencia a evidência textual. Afastar-se dos métodos críticos históricos convencionais prejudica a unidade da Bíblia hebraica e destrói a proposta da autora para uma construção holística da religião israelita e judaica.

A negligência da autora da historicidade do texto bíblico tem sérias consequências para a interpretação da religião no antigo Israel e Canaã. Seu uso de metodologias crítico históricas ultrapassadas, bem como seu uso de tendências psicológicas e sociológicas contemporâneas, destrói a harmonia entre o texto bíblico e as ricas evidências arqueológicas, e, ironicamente, causa o efeito oposto do pretendido. Por exemplo, conceitos simples como rituais de purificação e refeições comensais, que são serviços à divindade mas também leis sanitárias e sociais a serviço da sociedade, são interpretados apenas como expressões de grupos sociais primitivos.

No campo da Arqueologia, a escritora insiste em usar métodos críticos de forma e fonte. Embora a autora associa as descobertas de locais da Idade Média do Bronze com uma sociedade baseada fortemente no clã, ela não consegue conectar esses dados com a história dos patriarcas e dos primeiros israelitas, e portanto negligencia a rica evidência textual prejudicando a reconstrução da história da antiga Palestina.

Finalmente, a negligência da autora de uma abordagem orgânica para interpretar a Bíblia hebraica impede qualquer reconstrução séria da vida religiosa na antiga Canaã. Por exemplo, sua negligência da descoberta arqueológica de tendas que lembram o Santuário do Antigo Testamento (pavilhão de guerra de Ramses II) que data do século XIII A.C., têm apoiado uma leitura mais histórica do Pentateuco bem como tem derramado luz sobre a vida social e religiosa na ANE.

Assim, estas são apenas algumas considerações que a autora poderia ter ressaltado em sua abordagem mais redutora para desenhar uma imagem da vida religiosa em Canaã e Israel. Uma leitura mais instruída do material textual dá informações valiosas sobre o mundo religioso de Canaã e Israel e une disciplinas aparentemente conflitantes como as ciências sociais e arqueologia.

Fora esses pequenos contratemplos, a obra de Nakhai contribui muito para integrar as ciências sociais com a disciplina arqueológica a fim de enriquecer a interpretação dos dados físicos. Ela ajuda leitores e estudiosos a ganhar novas perspectivas para melhor observar e compreender o mundo de culto do antigo Israel e Canaã. Ela astuciosamente questiona métodos arqueológicos tradicionais motivados por interesses políticos e religiosos a fim de atingir resultados mais objetivos nesta ciência. Ela fundamentalmente ajudou a construir um modelo para visualizar as religiões rurais e institucionalizadas bem como proporciona novas perspectivas quanto às funções políticas, sociais e religiosas da Bamot bíblica.

Portanto, *Archaeology and the Religions of Canaan and Israel* é um importante passo à frente, não só no campo arqueológico mas também nas áreas da sociologia, história e estudos bíblicos. Beth Nakhai, assim como William Albright antes dela propôs um novo paradigma para interpretar a evidência arqueológica. Pode isso ser o início de uma nova mudança de paradigma? Quem sabe? No entanto, o que está claro a partir deste livro é que ele propõe uma maneira totalmente nova de usar dados arqueológicos para reconstruir a história antiga. Ele foi bem sucedido em chamar a atenção para sua nova perspectiva.

Portanto, o trabalho de Nakhai faz uma ruptura do pensamento arqueológico convencional. Sua nova perspectiva sobre esta ciência a levou a interpretar os fatos de forma mais objetiva e de diferentes perspectivas. No entanto, sua dependência de métodos tradicionais de crítica histórica tem sido uma séria desvantagem para sua busca por objetividade. Embora os fatos estejam sujeitos à interpretação e embora a própria ciência seja uma construção social, o programa de Nakhai utilizando dados empíricos juntamente com ciências sociais oferece excelentes possibilidades para desvendar o passado, se levar em consideração a historicidade e a importância da evidência textual. Realmente, *Archaeology and the Religions of Canaan and Israel* é uma leitura

obrigatória para qualquer pessoa que queira obter uma melhor compreensão do papel social, econômico e político da religião no antigo Israel e Canaã.